

A finitude em Martin Heidegger e suas repercussões para a psicoterapia

The finiteness in Martin Heidegger and its repercussions for psychotherapy

Crisóstomo Lima do Nascimento, José Olinda Braga

Resumo

Neste artigo desejamos explorar algumas relações entre a concepção de Martin Heidegger de finitude em sua ontologia fenomenológica e suas eventuais reverberações sobre a prática psicoterapêutica. Diferenciando da compreensão usual de morte, apresentaremos a finitude humana como um existencial, traço ontológico determinante para a fundação de novas possibilidades do existir humano. Neste sentido, sendo o espaço terapêutico como locus privilegiado na busca de se erigir novos sentidos na existência humana, traremos a fertilidade do fenômeno da apropriação mais própria do caráter de finitude do homem como aspecto anunciador da indeterminação humana e seu permanente vir-a-ser que dá a tonalidade da incompletude ao dasein.

Palavras-chave

Fenomenologia, finitude, psicoterapia.

Abstract

In this article we wish to explore some relationships between Martin Heidegger's conception of finitude in his phenomenological ontology and his eventual reverberations on psychotherapeutic practice. Differentiating from the usual understanding of death, we will present human finitude as an existential, ontological trait determinant for the foundation of new possibilities of human existence. In this sense, being the therapeutic space as privileged locus in the search of erecting new senses in the human existence, we will bring the fertility of the phenomenon of the appropriation more proper of the character of finitude of the man as announcing aspect of the human indetermination and its permanent come-to-be which gives the tone of incompleteness to dasein.

Keywords

Phenomenology, finiteness, psychotherapy.

Crisóstomo Lima do Nascimento
Universidade Federal Fluminense

Professor de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Educação.

crisostomoln@gmail.com

José Olinda Braga
Universidade Federal do Ceará

Professor de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Educação.

olindabraga@gmail.com

Introdução

O artigo aqui apresentado tem como finalidade principal desvelar os eventuais desdobramentos sobre a prática psicoterápica a partir da compreensão de finitude desenvolvida pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Comumente compreendida como fim da vida, a morte raramente se constituiu um tema de grande apreço por maiores reflexões sistemáticas a seu respeito. Paradoxalmente, apesar de evitada, a maior evidência da morte com frequência traz consigo o pensar o próprio sentido da vida ao homem. Neste sentido, a finitude humana se colocará aqui como questão norteadora fundamental de nossas reflexões, compreendendo-a como possibilitadora de inauguração de um questionamento de maior rigor sobre o próprio sentido da existência no processo psicoterapêutico, potencializando uma existência mais autêntica daquele que procura este serviço.

Por ser a finitude humana um tema de profundo enraizamento no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, na obra *Ser e Tempo*, teremos aqui este que se caracterizou como um dos mais influentes pensadores do século XX como nosso principal interlocutor neste ensaio.

O grande projeto do filósofo Martin Heidegger foi o de constituir uma ontologia fundamental, tendo em vista que a pergunta sobre o ser, tarefa precípua da metafísica, havia sido esquecida ao longo da tradição, alimentada por preconceitos que vigoraram durante séculos, justificando a prescindibilidade de trazer à tona essa questão fundamental. Em *Ser e Tempo*, de 1927, obra que anuncia o ainda jovem Heidegger à comunidade filosófica, ele denuncia este esquecimento, desvela os principais preconceitos até o momento de demonstrar a inarredável tarefa de trazê-la de volta, não mais sob a indagação de o que é o ser, mas a partir de uma requalificação da pergunta voltada então para a busca do sentido e significado do ser, a ter início a partir daquele ente que é capaz de tematizar essa questão e sobre ela responder a partir do seu próprio ser, que somos nós, os humanos, a quem ele denominou *Dasein*, aquele que permanece sendo-o-aí, numa cotidianidade vivida.

Sua estratégia, de a princípio desvelar os modos de ser do *Dasein* para em seguida perguntar sobre o seu ser, instalou no início do advento dessas reflexões, uma falsa impressão de que haveria ali naqueles escritos alguma espécie de existencialismo, ou mesmo uma revolucionária antropologia filosófica. Heidegger não tardou em esclarecer o equívoco, inscrevendo-se assim na história da filosofia como um fenomenólogo hermenêutico, com vistas à construção de uma ontologia fundamental. Nesse sentido, trata-se de uma reflexão serista, e não existencialista, a verdadeira tarefa empreendida em sua trajetória filosófica.

Entretanto, na preparação desse ente privilegiado para a grande tarefa de retomada da questão sobre o ser, Heidegger nos deixou como legado uma preciosa reflexão sobre a cotidianidade vivida do *Dasein*, em seus aspectos ônticos, pré-ontológicos e ontológicos, delimitando aquelas esferas pertencentes ao que é típico de seu ser, compreendido a todo o momento como ser-meu, e aquelas de dimensão fáticas, para as quais se voltaram as ciências do homem, que apenas dizem dele, mas não o dizem, senão que por re-presentações categoriais. Para a esfera primordial, a ontológica, aquilo que é relativo ao ser do *Dasein*, concebeu diversos Existenciais, com o intuito de compreender o sentido do ser desses vividos, em substituição às categorias sempre capazes de abarcar, tão somente e nominativamente, um dos infinitos modos de aparecimento do fenômeno humano, sem qualquer aproximação ao que deveria ser essencial na pesquisa.

Nessa trajetória, o Existencial ser-para-a-morte constitui um dos pilares de sustentação do pensamento heideggeriano. A morte é tematizada como totalização do ser do Dasein, e não como fim simplesmente, fadado a uma substancialidade inerte. Enquanto ek-siste, o ser do Dasein se exila na busca de asilo, moradia, familiaridade, fora de si, perdendo-se na maioria das vezes por entre os outros entes que não possuem em seu ser, os modos de ser do Dasein, disponíveis à mão em sua ambiência. O ser desse ente escapa enquanto se esvazia até o momento da realização de sua maior impossibilidade, que é a morte.

Trazer uma reflexão sobre a morte e o morrer, essa importante questão que constitui a vida dos humanos, na busca de reverberar as repercussões a partir dela provocadas sobre as diversas abordagens de reivindicação fenomenológico-existenciais, constitui a tarefa precípua desse artigo. Como metodologia de construção desse propósito, pretendemos elucidar elementos essenciais da analítica existencial do Dasein, empreendida na obra *Ser e Tempo*, bem como os fundamentos das abordagens psicoterápicas assentadas sob as crenças fundamentais do movimento humanista, de modo a podermos evidenciar em que medida as instigações heideggerianas poderiam nortear as estratégias clínicas de psicólogos, subsidiando-as em seus aspectos metodológicos e epistemológicos realizados nas práticas psi.

A ek-sistência humana

Conforme sinalizado, em sua obra inaugural ao mundo filosófico Heidegger toma a morte como um existencial do Dasein. É fundamental que se atente para o fato de que compreensão de existência para o pensador da Floresta Negra não recai sobre os ditames das variadas interpretações metafísicas que, desde o pensamento grego, a associam com as idéias de criatura, substância, essência ou subjetividade. Tal especificidade já é apontada por ele no início da obra citada quando, no §9, alerta sobre os riscos de uma descuidada compreensão cedente às sedimentações da tradição:

A essência deste ente está em ter de ser. A quiddidade (essentia) deste ente, na medida em que se possa falar dela, há de ser concebida a partir de seu ser (existência). Neste propósito, é tarefa ontológica mostrar que, se escolhermos a palavra existência para designar o ser deste ente, esta não tem nem pode ter o significado ontológico do termo tradicional existentia. Para a ontologia tradicional, existentia designa o mesmo que ser simplesmente dado, modo de ser que não pertence à essência do ente dotado do caráter de pré-sença (HEIDEGGER, 2005a, p.77).

Duas décadas antes da publicação de *Ser e Tempo* Heidegger já havia com o desconforto sobre o tratamento dado pela tradição à questão do ser. O contato com a dissertação de Franz Brentano que remontava Aristóteles na inquietação sobre os múltiplos significados do ser fora o embrião fundamental da intensificação de sua proximidade com o então mestre Edmund Husserl.

Destacamos que a intenção de superação da metafísica buscada por Heidegger não aponta para sua negação ou exclusão, mas uma revisitação que permite uma tematização rigorosa sobre seus fundamentos e sua proveniência ontológica. Disto decorre a superação de noções tradicionais de cunho categoriais pelas estruturas ontológicas denominadas Existenciais que, fundamentalmente, são apresentados na primeira parte de *Ser e*

Tempo, a saber, ser-no-mundo, disposição, compreensão, interpretação, manualidade, decadência, impessoalidade. É, entretanto, na segunda sessão, “presença e temporalidade”, que Heidegger empreende a busca da totalização do ser da presença e, a partir da enunciação de outros existenciais como temporalidade e historicidade, emerge o ser-para-a-morte.

A questão sobre a totalidade da presença que, do ponto de vista existenciário, emerge como a questão da possibilidade dela poder-ser-toda e, do ponto de vista existencial, como a questão da constituição ontológica de “fim” e “totalidade”, abriga a tarefa de uma análise positiva dos fenômenos das existências até aqui postergados (HEIDEGGER, 2005b, p.17).

Sobre o ser-para-a-morte

No momento em que escolheu o ser humano, esse ente privilegiado, aquele a quem dirigir a pergunta sobre o sentido do ser e também em função de que somente a partir dele a questão se põe com vistas à elaboração do projeto de constituição de uma ontologia fundamental, assumindo como tarefa retirá-la do esquecimento havido ao longo da tradição filosófica desde os gregos, Heidegger se dá conta da imprescindibilidade de que o sentido do ser deste ente precisaria vir à luz em sua totalidade. No entanto, somente na realização de uma de suas possibilidades originariamente constitutivas, seu ser-para-a-morte, seria atingida tal completude. É a partir desse impasse que se pergunta sobre as condições de possibilidade de acesso ao ser desse ente na dimensão desse acontecimento, a saber, quando totalizado.

Sendo o próprio ser do Dasein concebido como “cuidado”, torna-se esta tarefa impossível de ser viabilizada. Uma vez encontrando-se sempre projetado para além de si, lançado para fora, ek-sistindo num fluxo escoado no tempo, a posição do Dasein será sempre a da espera de outras possibilidades ainda não realizadas, enquanto não atingir o fim de seu projeto existencial. Logo, a constituição do ser do Dasein é seu não-acabamento-ainda, a sua não totalização. Enquanto houver restante de ser a pulsar, estaremos sempre diante de um poder-ser em ultrapassagem ininterrupta.

A tonalidade existencial de toda a estrutura ontológica da pre-sença deve ser, pois, apreendida formalmente na seguinte estrutura: o ser da presença diz preceder a si mesma por já ser-em (no mundo) como ser-junto-a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo). Esse ser preenche o significado do termo cura que é aqui utilizado do ponto de vista puramente ontológico-existencial (HEIDEGGER, 2005a, p. 257).

Assim haverá de seguir o Dasein ek-sistindo, desde seu nascimento até a morte física sem poder constituir sua totalidade, senão que ao cabo do seu ser lançado. Passa a ser tudo o que pode ser, tão somente, no momento em que não haver mais excedente de ser. Ao final, esvaziado de ser, sem contar com qualquer outro resíduo do que antes o mantinha sendo, deixará de ek-sistir, e, em consequência, de existir como “ser-no-mundo”. Somente deparado com o nada, com o vazio de si próprio que ocupará o lugar de seu ser exaurido, deixará de ek-sistir.

Portanto, essa totalidade imprescindível à constituição da ontologia fundamental pretendida em Ser e Tempo significará necessariamente o vazio, a nadificação do ser, momento em que o total se torna igual ao nada.

Ganhar esse lugar de chegada significará ao mesmo tempo perder-se enquanto Dasein. Estaríamos nessa circunstância deparados com o já-não-ser, sem qualquer expectativa ou espera. Em uma palavra, no momento em que o ser desse ente for subtraído em seu fluxo, será, em consequência, reduzido a nada. Enquanto o Dasein, jamais é total. Permanece não-acabamento, projeto, um ainda-não. Mas tão logo atinja o totalizar, perde a sua estrutura fundamental que é a de ser-no-mundo.

Na dimensão ôntica, é impossível nos depararmos com a experiência da totalização do Dasein, o que é característico mesmo do ser desse ente em questão. No entanto, jamais podendo ser tomado como um ente qualquer, a saber os demais entes intramundanos, há a necessidade de se enfatizar que a morte do Dasein não se restringe a uma dimensão do corpo fisiológico, biológico, anatômico. Nesse sentido, para além da categorização morte e o morrer enquanto fenômenos ônticos nomeáveis, datáveis, seria necessária a explicitação de um conceito existencial relativo à morte, de caráter ontológico, que viesse a dar conta do sentido dessa chegada ao fim do Dasein para além das fronteiras do mero aparecer.

No prosseguimento do capítulo I da segunda seção de *Ser e Tempo*, Heidegger investiga a morte dos outros enquanto uma experiência possível de ser desvelada, descrita e compreendida, com vistas a uma aproximação compreensiva do que seria o Dasein em sua totalidade. Provavelmente essa é uma das mais delicadas investigações suscitadas pelo filósofo de Meskirch pelo fato de que, não podendo nenhum Dasein ter a experiência da própria morte, como seria possível elaborar um existencial que pudesse dar conta do sentido do ser da morte, uma vez que alcançando o Dasein a totalidade do seu ser na morte, perde o ser do aí? Naquele momento, não haveria mais a existência. Quem poderia então testemunhar essa passagem do ser-aí ao não-ser-mais? Entretanto, não podendo experimentar sua própria morte, o Dasein vivencia, assiste, acolhe, testemunha, vela a morte dos outros. Mas como o mero testemunho da totalização de outro Dasein, não a minha, nos permitiria constituir tal existencial?

O que sabemos da morte sabemos pela morte dos outros, e esse saber, seguindo Heidegger, não deve ser justamente essencial para o “antecipar-se a si mesmo para a morte”, certamente não deve nem sequer ter importância. Diante disso, nada mais extremo se poderia dizer, de tal modo que a experiência da morte do outro nos confronta com a possibilidade e indeterminação radicais, porque essa experiência não se transfere para nós mesmos e também não permite receber nenhuma representação (FIGAL, 2016, p. 73).

Sendo o morrer o mesmo que deixar de ser no mundo, ainda que testemunhemos a morte de um outro Dasein, não nos depararíamos do mesmo modo com um não-ser-mais? Nessas circunstâncias, esse ser estaria reduzido a um ente à mão, vindo a nós como um ser subsistente qualquer? Nessas circunstâncias em torno da morte do outro, é-nos perfeitamente factível testemunhar a passagem do modo Dasein ao modo ente como coisa. Apenas dar-nos conta de tal passagem, porém, não nos torna passível de testemunhar essa vivência no ser-meu.

Nesse caso, o “antecipar-se a si mesmo da morte” é na verdade o “antecipar-se a si mesmo” em meio à indeterminação do ser iminente, sendo que essa experiência pode ser intensificada ao extremo em situações gravemente perigosas. A experiência que está em questão para Heidegger, é sempre feita, quando o que é iminente se subtrai de modo particular à representação. Compreende-se, assim, o ser iminente próprio em sua indeterminação e compreende-se que cada projeto determinado, cada

plano determinado e cada representação nunca podem ser, senão, uma resposta à indeterminação (FIGAL, 2016, p.73).

Do mesmo modo nos é evidente que a condição desse ser subsistente, o corpo morto, tampouco jamais seria reduzido a apenas uma coisa corporal. Permanece nele o status de o não-mais-vivo que perdeu a vida. Não se presta à condição de ente à mão de um Dasein qualquer. Tudo o que resta na morte segue sob a condição de cuidados de outrem. A ele, ao corpo morto, recai um quê de sagrado, de i-maculável. A partir de então, somos ao lado do corpo que jaz no mundo em que ele não-mais-é. Logo, de fato jamais experimentamos o ser-chegando-ao-fim do defunto. Trata-se, em maior proximidade, do compartilhamento de uma perda situada no sentimento dos que o velam, e nunca concernente ao próprio morto. Uma vez que a morte de outro Dasein nos é sempre inacessível, o sentido ontológico dessa experiência, como decorrência, não nos é apreensível.

A questão da morte, tematizada na letra heideggeriana é sempre a morte minha, uma vez que é o ser-meu que está em jogo. É sempre o ser da minha existência que está em causa nessa questão. Nessa seara, são investigados alguns fenômenos constitutivos da morte que são o excedente, o fim e a totalidade, com vistas ao desvelamento do caráter existencial relativo ao constitutivo da totalidade enquanto chegada última na esfera das escolhas.

Estando em ininterrupta atividade, o ser do Dasein é fatalmente sucumbido quando na condição de ente simplesmente subsistente. É característico do primeiro momento, como já enfatizado, o lançar-se em ek-sistência, enquanto no segundo e definitivo momento, prevalece a coisa inerte.

Tendo que viver, estando condenado a ek-sistir, o ser do Dasein jamais poderia ser concebido como ser acabado. Ao contrário, é um ser desaguando-para-o-fim, na iminência de totalização. Assim definido, a condição de existência do ser do Dasein é sempre o de moribundo, no aguardo da passagem para o não-mais-sendo-no-mundo, em permanente expectativa. Existindo, Dasein é sempre um ainda-não que advém a todo instante. É justamente o que poderá ser. Permanecendo ao longo da vida contabilizada no tempo cronológico, vive o excedente até deixar de ser-o-aí no seu fim.

Como um ser que se faz cuidado, que é sempre adiante de si, não se dá na globalidade. Enquanto é, permanece pendente, à espera desde uma instância atópica, o excedente que não cessa de jorrar, na condição do que falta realizar.

O homem é um ente marcado por uma incompletude ontológica originária. Isso significa dizer que ele não possui absolutamente nenhuma determinação quidditativa a priori. Todas as suas determinações ontológicas são marcadas pela sua concretização existencial dessas determinações, pela performance específica que traz consigo na realização de seu poder-ser (CASANOVA, 2013, p. 83).

Logo, todo o ser do Dasein é um ainda-não-ser, caminhando em direção a tornar-se o que ainda não é. Portanto, Dasein é este que ainda não é, mas que pode ser a qualquer momento, enquanto não lhe advém a totalização. O modo de ser do Dasein é o poder tornar-se. Tudo que ainda não é, mas que poderia ser, já faz parte desse sendo na condição do ainda-não. Dasein é o seu ainda não ser, enquanto sendo. Logo, ele é o seu já-sendo e o seu ainda-não-sendo, concomitantemente, suas possibilidades. O que está por vir chegará finalmente ao fim. A morte haverá de conduzir o Dasein à sua

finitude, a seu acaba(mento), uma vez que sempre fez parte da longevidade subscrita nesse espectro vital.

Essa descrição nos mostra com nitidez que o ek-sistir do Dasein significa sair de si, um esvaziar-se no percurso, até chegar ao fim. Um tipo de ser que se desvela como rumo ao fim, Dasein sempre moribundo. Morto, já não é mais Dasein, pela falta do aí que o constitui essencialmente. Como possui a morte, enquanto finitude, como condição essencial, viver para o Dasein significa morrer.

O ser do Dasein não sendo produção de um criador, apresenta-se como em exangueabilidade, em consumação. A morte é a pulsão que promove o lançar-se para fora do seu ser. Pela condição existencial do cuidado que caracteriza o ser do Dasein, estando sempre adiante de si, lá se situa a morte como o ainda não sendo afastado, mas também como o mais viável e eminente. Somente nela, chegamos ao nosso ser mais próprio, por pertencer exclusivamente a nós. Ela é só nossa, só minha. Em abertura, o Dasein lança-se, projeta-se para além de si no adiante, lugar também de concretização do fim.

É na angústia que a morte se revela ao Dasein, como enfrentamento da possibilidade de nossa impossibilidade mais autêntica. O lugar de refúgio para tanto desamparo se faz no nós, instância em que se perde na mesmificação com os outros. Ainda que o nós morra, eu não morro, porque afinal, quem é mesmo esse nós? Trata-se de uma notícia de jornal, distante de mim, e que em nada me concerne. O nós, nesse sentido, nos permite a dissimulação do medo do desconhecido, o que redonda em nos garantir algum conforto, ainda que alucinado, enxergando apenas nos outros essa possibilidade estranha que é o morrer. O ainda-não que a morte anuncia coabita no adiante-de-si em que o Dasein se faz cuidado. Enquanto vai morrendo e dissimulando o morrer, ainda não está morto, o que mantém impossível o possível. Abstendo-se de morrer, vive morrendo. Há um nada que habita no seio de nosso ser, e que se faz total ao cabo da vida, mas que justamente a anima para o dirigir-se a esse momento de completude.

Como lição de todas essas reflexões relativas à morte e ao morrer, redundante ser mais importante nos dirigirmos à atitude em relação à própria morte ao longo da vida, do que à angustiada angústia da iminência do deixar de viver físico. Viver a própria morte o mais distante possível da tagarelice do que sobre ela se possa proferir. É na antecipação da morte, no adiantar-se a ela, que nos abrimos para o ser. Insistindo no ser, como modo próprio de ser Dasein, temos a prerrogativa de nos colocar diante da morte, e ali estando, o de nos tornar aquilo que ainda não somos.

As possibilidades de instigações heideggerianas para a prática psicoterápica voltada às reflexões sobre a finitude.

As abordagens psicoterápicas de inspiração humanista, aqui consideradas, sobretudo, a Gestalt-Terapia e Abordagem Centrada na Pessoa se situam segundo um viés organísmico, o que equivale a dizer que compreendem o funcionamento e estruturação da psique enquanto dinâmica submetida a uma lógica organizacional que tende à recuperação da homeostase sempre perdida ao longo da existência em suas vicissitudes. Pretende-se aqui nessa empreitada discursiva, uma vez retomados alguns elementos conceituais constitutivos dessas visões, estabelecer uma possibilidade de diálogo com as matrizes filosóficas de caráter fenomenológico-hermenêutico, ainda que as concepções de humano e suas possibilidades de consciência de si e de seu entorno nelas presentes muitas vezes sejam radicalmente incompatíveis.

Como característica central dessas escolas psicoterápicas, alguns elementos precisariam ser elencados, por sua essencialidade na estruturação da lógica de princípios e procedimentos que as constituem, comuns a todas as abordagens que se reivindicam de inspiração humanista. Entre estes, estão: a crença dogmática na existência de uma tendência natural que em seu próprio modo de ser, pende a conduzir o organismo em que habita para um desenvolvimento e crescimento inexoráveis, a depender apenas das condições existenciais concretas a que estão submetidos; a ênfase nos processos conscientes como parâmetro possibilitador para o advento da escolha, frente ao horizonte de possibilidades com que se depara; o anúncio da premissa de que se tendo uma vez tornado aquele que não se é, segundo as condições históricas e de afetos impositivas, poder tornar-se quem se é pela flexibilidade característica da estrutura do self ou autoconceito, responsável pelas ações humanas; a compreensão do sujeito enquanto totalidade histórica, capaz de protagonismo diante dos caminhos de sua existência. Vários outros elementos poderiam ser apontados a favor de uma concepção geral dessas abordagens psicoterapêuticas em suas práticas cotidianas, mas não é exatamente este o foco da narrativa aqui tecida.

Diante de questionamentos em ambiência psicoterapêutica relativos à vivência da finitude, ainda que este tema costume ser suspenso no torvelinho da tagarelice, no modo medianamente mais corriqueiro que é o da impropriedade relativa ao ser do Dasein, é sempre necessário se levar em conta que a condição existencial humana é de sempre já ser moribundo. Tomados pela aversão ao tema, é natural que nos percamos de nós mesmos, até o advento da decadência como fuga fundamentada na angústia, esta sim, provocadora do medo. A indeterminação que não vem daqui nem dali, mas que ameaça, é a origem da angústia, uma vez que a própria angústia não sabe o que a angústia.

A condição de ser-no-mundo possibilita a revelação do Dasein em sua incontornável solidão, momento em que se percebe estranho a si próprio, imprescindível condição para que se revele diante de si, o onde se encontra. Existindo, escoamos sempre no mundo como numa descida, uma decadência, uma queda, a partir de onde emergirá o clamor que é lançado de si para si mesmo, na forma de angústia.

Esse é o modo de ser do ser do Dasein, escoando sempre adiante de si, o que vem a ser o cuidado, numa tessitura que se mostra como totalidade articulável, e jamais como unidade substancial. Nessa seara, como se daria a lida no âmbito clínico com o tema de sua finitude, quando finalmente a sua mais própria escolha terá sido escolhida?

Tanto Rogers quanto Perls, a partir de diferentes lugares, estratégias e jeitos de proceder, buscam através das condições facilitadoras ou de provocação de estados de awareness, encontrar o eu perdido, escondido de si mesmo, encolhido no seu medo que a angústia provoca, ali mesmo no acontecimento de suas vivências negadas/evitadas ao âmbito da consciência delas, para que finalmente advenha como si mesmo.

A partir da digressão aqui seguida, depreendemos que a compreensão do fenômeno da finitude sob a ótica do filósofo da Floresta Negra remonta à inelutável e irremediável possibilidade existenciária que aniquila todas as demais enquanto possibilidades. Sendo originariamente e essencialmente ser-para-a-morte, o Dasein carrega como traço constitutivo ontológico a possibilidade de uma apropriação tematicamente mais sua dessa permanente e iminente possibilidade de findar.

Enquanto fim da pré-sença a morte é a possibilidade mais própria, irremissível, certa, e como tal, indeterminada e insuperável da pré-sença.

Enquanto fim da pré-sença, a morte é e está em seu ser-para-o-fim (HEIDEGGER, 2005b, p. 41).

A apropriação de seu inelutável caráter findante possibilita que o ser-ai se antecipe, e por conseguinte, se decida, na medida em que é o único ente que traz consigo, originariamente, a possibilidade de uma apropriação temática de sua própria finitude. Enquanto iminente e não realizada, a possibilidade da morte carrega, paradoxalmente, a própria possibilidade de realização de qualquer outra possibilidade.

Dessa maneira, caracterizando-se como um “ser-para-a-morte”, o “ser-ai” encontra sua totalidade existencial e percebe que a finitude representa a nulidade de todo e qualquer projeto, mas, ao antecipá-la, ele assume as suas possibilidades próprias, ao invés de se perder no geral, na opinião do público. No entanto, o “impessoal” age no cotidiano das pessoas e deturpa essa visão, fazendo com que se acredite que o fim da existência é um evento distante que um dia afetará a todos, mas, por hora, não afeta ninguém. O Dasein cotidiano se encontra, geralmente, imerso nessa perspectiva do “impessoal” e não consegue se reconhecer como um “ser-para-a-morte” em sentido próprio (BRAGA, 2016, p.101).

A tarefa de se repensar a psicologia em sua vertente clínica livre de seus pressupostos subjetivistas e psicologizantes que a estruturaram desde seu nascimento num intenso diálogo com as reflexões provenientes da ontologia fundamental de Heidegger, mais diretamente e o mais fielmente possível sobre Ser e tempo, coube ao psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss (1903-1990). Embora tenha sido o psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1881-1966) o primeiro a fazer referência direta ao termo, tendo como referência principal as noções de cuidado e projeto de er e tempo, foi com Boss que Heidegger teve a proximidade mais efetiva e necessária à consolidação de uma elaboração clínica a partir da análise ontológica das estruturas da existência do homem. Esta proximidade resultou também na obra Os seminários de Zollikon, decorrentes de encontros entre Heidegger e Boss entre as décadas de 50 e 60 do último século na casa de Boss na cidade que deu nome à obra. Nestes encontros, frequentados por psicoterapeutas e médicos, concretiza-se o esforço de ser pensar uma clínica psicológica mais liberta dos ditames da tradição e redundante na Daseinsanalyse que se caracteriza, portanto na prática psicoterapêutica calcada nas repercussões do pensamento heideggereano sobre as manifestações ônticas do existir humano. Ou mais precisamente, uma reflexão clínica de inspiração no preceito fundamental de que o existir humano é destituído de qualquer caráter de determinação atemporal e uma indeterminação originária que torna insustentável qualquer tentativa de estabelecimento apriorístico de características supostamente estáveis à sua existência. Diferentemente de Binswanger, Boss estrutura suas reflexões a partir das tonalidade afetivas do tédio e da angústia, anunciadas por Heidegger na sua obra de 1927, na consideração do horizonte hermenêutico necessário a ser considerado na relação com o paciente durante o processo clínico.

De um modo geral, seja pela via da compreensão do senso comum quanto pelo viés da cientifidade, impera uma compreensão mediana de clínica psicológica como uma ação de cunho instrumental sedimentada por uma base teórica que, em tese, confere ao profissional um caráter de previsibilidade e controle sobre o processo terapêutico. Vigora também neste horizonte a consideração deste profissional como um “agente promotor de saúde”, neste caso compreendida como “saúde psíquica”, conferindo também, tacitamente ao mesmo, uma espécie de

responsabilidade de “promoção de uma condição perdida” pelo paciente em algum momento na vida.

Como psicoterapeutas, temos que nos abster do agir presunçoso de levar da nossa parte quaisquer máximas e dogmas aos nossos pacientes. Temos que nos contantar em remover do caminho, aqui e ali, uma pedrinha, um obstáculo, para que aquilo que já está aqui, e que sempre formou a essência do paciente, possa sair, por si, ao aberto, de sua reserva até agora mantida (BOSS, 1981, p.42).

Tal “pacto” velado muito raramente se submete a um olhar de maior estranhamento por seus agentes constituintes, exemplificando o cunho de impessoalidade que fortemente se opera em nossa cotidianidade mediana. Não raramente, entretanto, este profissional deixa de se ver e aperceber-se mais intensamente em sua labuta diária de seu caráter de não controlador deste processo, bem como tomado por momentos de incerteza sobre tudo que se-lhe anuncia nesse encontro clínico.

Neste sentido, as práticas clínicas de ordem terapêutica na psicologia inspiradas pelo pensamento fenomenológico suscitado por Martin Heidegger, e estruturado por ele com Medard Boss e que se anuncia com *daseinsanalyse* busca desconstruir a histórica objetivação técnico-calculante da prática clínica e aborda o fenômeno da existência deste ente singular que somos comprometidas com o seu modo mais essencial, um ser-no-mundo originariamente finito e em permanente mudança jamais sendo passível de ser abarcada por representações arbitrárias e totalizantes de seu modo de ser. Com isso, o traço ontológico fundante e constitutivo do olhar da clínica de inspiração fenomenológica se calca numa negatividade originária sustentando-se a nadidade seeste ser-aí em detrimento de uma positivação determinística de uma suposta identidade atemporal que torna turvo o seu caráter do poder-ser.

Considerações finais

O artigo explorou algumas eventuais relações entre a fenomenologia hermenêutica proposta por Martin Heidegger, mais especificamente entre a estrutura ontológica trazida pelo filósofo em sua seminal obra *Ser e tempo*, de 1927, compreendida como ser-para-a-morte, tratada aqui como finitude e suas possíveis reverberações sobre a prática psicoterapêutica. A partir de inegáveis contribuições do pensamento heideggereano sobre o pensamento humanista e a gestalt-terapia, foi entretanto pelas vias da *daseinsanalyse* que a contemporaneidade vê os mais visíveis desdobramentos de sua ontologia fenomenológica sobre as práticas clínicas psicoterápicas. Visto aqui como um existencial ontologicamente comprometido com o caráter de poder-ser do *dasein*, e sendo o espaço terapêutico como *locus* privilegiado na tarefa de se desvelar novos sentidos na existência humana, apresentamos aqui a fertilidade do fenômeno da apropriação mais própria e singular do caráter de finitude do homem como elemento de forte poder de anúncio de seu caráter de indeterminação existencial e seu permanente vir-a-ser que dá a tonalidade da incompletude ao *dasein*.

Concebemos assim a possibilidade de se compreender este encontro como um espaço de tematização mais rigorosa de horizontes e sentidos naturalizados do existir humano de modo a sustentar um ambiente de maior estranhamento da substancialização do chamado psiquismo humano pela tradição. Trata-se de um convite à experimentação de uma clínica que conclame a um testemunho conjunto entre terapeuta e paciente para as sedimentações históricas vigorantes em nossa cotidianidade e o âmbito de

estruturação hermenêutica destes, possibilitando assim, a partir deste encontro dialógico, a revisitação do horizonte de sentido factual em que este se deu e a emersão de novas possibilidades de sentido oriundas deste processo tematizante. No âmbito do psicoterapeuta a invocação de uma compreensão clínica que transcenda às representações usuais de técnica aplicada inscrita em pré-concepções intencionais que reduzem o ente humano a representações historicamente pré-estabelecidas. No âmbito do paciente, que se atente para o desvelamento de possibilidades que se obscurecem no esteio de sedimentações óticas deste ser-no-mundo-com-os-outros e a permanente atualização de um movimento anti-natural de que o existir é sempre relação com aquilo que nos vem ao encontro no mundo numa apreensão intencional e nunca neutra do ser das coisas, mas sempre passível de um olhar e atuação que compreenda que, embora os entes apareçam segundo determinadas possibilidades de ser de momento nesta relação co-originária homem-mundo através de pressupostos naturalmente invisibilizados, o espaço clínico e a experiência terapêutica podem se constituir em férteis oportunidades de “desopacização” de possibilidades existenciais mais amplificadoras do seu existir.

Sobre o artigo

Recebido: 23/04/2018

Aceito: 21/05/2018

Referências bibliográficas

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. São Paulo: Duas cidades, 1981.

BRAGA, A. R. P. **A finitude humana no pensamento de Martin Heidegger**. Toledo, PR : Vivens, 2016.

CASANOVA, M. A. **Eternidade frágil**. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2013.

FIGAL, G. **Introdução a Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo I**. Petrópolis: Vozes, 2005a.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo II**. Petrópolis: Vozes, 2005b.